

Dificuldades para encontrar palavras em decorrência de lesão têmporo-parietal

(Word finding difficulties following temporo-parietal lesion)

Renata Viana Ensinas¹

¹Instituto de Estudos da Linguagem – Universidade Estadual de Campinas (IEL/UNICAMP)

tata_fono@hotmail.com

Abstract: This article is part of a broader study that aims to describe and analyze the difficulties with lexical selection and production of paraphasias in cases of aphasia. At this point, we propose to present some issues related to lexical-semantic functioning in patients with temporal-parietal lesion, from the perspective of Enunciative-Discursive Neurolinguistics. We present a review of the literature on the phenomena that involve the lexicon, both in normal and pathological states. We evaluated data from two aphasic subjects, in dialogical contexts, formulating some hypotheses that would explain not only the difficulties, but also how the subjects reorganize their enunciation, in order to achieve their “discursive intention”, based mainly in the formulations of Luria (1986) on the theme.

Keywords: aphasia; neurolinguistic; paraphasia; lexical access.

Resumo: Este artigo faz parte de um estudo mais amplo, que se propõe a descrever e analisar as dificuldades de seleção lexical e a produção de parafasias em casos de afasias. Neste momento, propomos tratar de questões relativas ao funcionamento semântico-lexical em sujeitos com lesão têmporo-parietal esquerda, sob a perspectiva da Neurolinguística de orientação enunciativo-discursiva. A partir da revisão bibliográfica sobre os fenômenos que envolvem a questão do léxico, tanto na normalidade, quanto nas patologias, avaliamos dados de dois sujeitos afásicos, em situações dialógicas, formulando algumas hipóteses que visam a explicar não apenas as dificuldades, mas também como os sujeitos reorganizam seus enunciados para alcançarem o seu *intuito-discursivo*, baseando-nos principalmente nas formulações de Luria (1986) sobre o tema.

Palavras-chave: afasia; neurolinguística; parafasia; acesso lexical.

Introdução

A reflexão sobre a dificuldade para encontrar palavras¹ tem relevância, nos estudos neurolinguísticos, à medida que ilumina aspectos do funcionamento semântico-lexical nas patologias, mais precisamente nas afasias, o que, por sua vez, esclarece a respeito da sua organização na normalidade. Este artigo se inicia com uma reflexão de Novaes-Pinto (2009), que também aborda este tema em suas pesquisas, problematizando aspectos teóricos e metodológicos na abordagem tradicional.

As pesquisas mais especificamente ligadas ao tema do acesso lexical respaldam-se, geralmente, em resultados de experimentos psicolinguísticos com sujeitos comprometidos ou não por patologias cerebrais e métodos que correlacionam áreas cerebrais lesadas a dados obtidos por meio da aplicação de baterias de testes metalinguísticos; mais recentemente, pela correlação de resultados de experimentos neuropsicológicos às imagens obtidas por

¹ Na literatura também referida como WFD (Word Finding Difficulties).

sofisticados instrumentos como RMf (ressonância magnética funcional), TEP (tomografia por emissão de pósitrons) e exames eletrofisiológicos do cérebro.

Para a autora, essas pesquisas se constituem como uma tendência que chama de “neo-localizacionista”, tendo a neuroimagem como ferramenta para revelar o funcionamento cerebral. Apesar da coerência dos resultados obtidos em experimentos, estes não podem ser considerados como “a verdade”, já que as condições experimentais fragmentam o funcionamento real da linguagem e do cérebro.

A abordagem de Luria (1981[1973]), influenciada pelos pressupostos de Vygotsky (1984), tenta resolver o conflito entre a visão mecanicista da localização cerebral e a visão holística. Segundo Luria (1977), a visão holística descarta a especialização de áreas cerebrais e concebe a função mental como global, isto é, produto do funcionamento indiferenciado do córtex cerebral. De acordo com Luria, as funções mentais superiores são sistemas funcionais de composição complexa. A chamada “linguagem expressiva”, por exemplo, não está localizada em apenas uma única área do córtex, embora haja regiões mais especializadas para tal função. Trata-se da combinação de diversas áreas do cérebro contribuindo, cada qual, com um aspecto para o sistema funcional como um todo.

Os estudos neuropsicológicos, em geral, correlacionam dados de neuroimagem com dados de tarefas metalinguísticas/metacognitivas. Nesses estudos, entretanto, o objetivo ainda é o de localizar uma área para cada função mental. Segundo Coudry (1988), muitas pesquisas fazem a relação entre o local da lesão cerebral e os sintomas sem qualquer análise linguística e descartando-se a subjetividade. É como se o sujeito nada tivesse a dizer ou nada tivesse a ver com a patologia.

Outro fator relevante encontrado nas pesquisas é o uso de terminologia linguística sem muita reflexão ou de forma inapropriada. Nos estudos sobre o acesso lexical, por exemplo, ou nas pesquisas sobre aspectos semântico-lexicais das parafasias, não aparece explicitamente o que se entende por léxico ou por semântica. Léxico, geralmente, aparece como sinônimo de palavra ou conjunto de palavras de uma língua, como se a noção de palavra não fosse também complexa.

Basílio (1995) chama a atenção para o uso quase sempre automático que fazemos das palavras. A autora define o conceito de “palavra” em relação ao seu uso concreto, ou seja, como elementos que formam enunciados. Tal afirmação vai ao encontro da definição de Bakhtin (2003[1992]), para o qual a palavra é um recurso abstrato da língua que existe apenas na produção dos enunciados concretos.

Quando se trata de patologias, Luria revela que há uma perda na seletividade da recordação de palavras e outras emergem (palavras parecidas à procurada) conforme um traço determinado: traços sonoros, situacionais ou conceituais. Para o autor, “por trás da palavra não há um significado permanente: há sempre um sistema multidimensional de enlaces” (LURIA, 1986, p. 90).

Luria (1981[1973]) trata, em seu trabalho, da natureza da palavra, ressaltando seus enlaces multidimensionais. Para ele, a palavra não somente gera a indicação de um objeto determinado, mas também, inevitavelmente, provoca a aparição de uma série de enlaces complementares, que incluem em sua composição elementos de palavras parecidas à primeira pela situação imediata.

Uma palavra, segundo Luria (1986, p.35) pode evocar involuntariamente outras. Por exemplo, a palavra *jardim* pode evocar: *árvore, banco, flores, encontro*, etc. Para o autor, há um elo de toda uma rede de imagens por ela evocadas e de palavras “conotativamente” ligadas a ela. Aquele que fala ou escuta inibe esta rede de palavras e imagens para poder escolher o significado imediato ou denotativo necessário nas relações situacionais (LURIA, 1986, p. 35).

Mais adiante, afirma que:

[...] O campo semântico manifesta-se com toda evidência nos fenômenos amplamente conhecidos na literatura psicológica de dificuldades de recordar palavras, estados nos quais a palavra procurada encontra-se como se estivesse na ponta da língua ou quando a palavra procurada é substituída por outra, tomada do campo semântico comum. (LURIA, 1986, p. 37)

Seguindo os pressupostos de Luria, esta pesquisa analisa os dados linguísticos no contexto patológico e busca compreender o funcionamento semântico-lexical de dois sujeitos afásicos nos episódios dialógicos, tanto com relação aos aspectos formais (a natureza das dificuldades com o sistema da língua – por exemplo, para encontrar palavras), quanto com relação às competências linguístico-cognitivas. Segundo Fedosse (2008), trata-se de processos “alternativos-criativos” de significação dos sujeitos afásicos.

Considerações sobre a dificuldade de sujeitos afásicos para encontrar palavras

Na impossibilidade de encontrar palavras, o sujeito – afásico ou não – produz pausas, hesitações, recomeços nos seus enunciados. Também observamos anomias e ocorrências de parafasias. Canguilhem (1978), ao tratar da relação entre o normal e o patológico, atribui os fenômenos a esses dois eixos, de acordo com a frequência de ocorrência.

A respeito das parafasias, Freud (1977[1891]), em sua tese de doutorado intitulada *A interpretação das Afasias*, considera-as como sendo da mesma natureza do “ato falho” e acredita que este não seja um fenômeno da ordem do estado patológico, mas da normalidade. Os não-afásicos também produzem parafasias e, muitas vezes, também têm a sensação de que a palavra que não vem está na “ponta-da-língua”. Os afásicos, entretanto, enfrentam essas dificuldades ou sensações praticamente o tempo todo, durante a produção de seus enunciados.

O fenômeno da parafasia consiste na substituição de um som por outro (*comia* por *corria* e *escrita* por *escriba*) ou de uma palavra por outra (*esposa* por *velha* e *colher* por *garfo*).² No primeiro caso, são chamadas de parafasias literais ou fonético-fonológicas e no segundo são consideradas parafasias semântico-lexicais. Geralmente, os autores distinguem as lexicais das semânticas, afirmando que apenas nestas haveria relação entre a palavra pretendida e a palavra pronunciada.³

² Todas essas trocas na produção de fala fazem parte dos enunciados de JM – um dos sujeitos abordados neste artigo – nas sessões do Centro de Convivência de Afásicos (CCA).

³ O exemplo ocorreu em um dos dados de JM, quando tentava completar o provérbio “Em briga de marido e mulher, ninguém mete a colher”. Após a leitura da primeira parte “Em briga de marido e mulher ninguém mete...”, JM produziu: “o garfo”. Este é um exemplo de parafasia semântica em que a relação entre as palavras pretendida e produzida é evidente (SOUZA-CRUZ, 2009).

Como vimos, entretanto, Luria afirma que sempre há uma motivação, seja ela por relações semânticas, emocional, sonora ou situacional. Jamais, portanto, a troca seria aleatória, o que nos leva a pensar que não seria necessário fazer a separação entre parafasias lexicais e semânticas. Podemos não saber, em muitos casos, qual é a relação, visto que os dados não são transparentes; precisam ser interpretados. Entretanto, tal relação é o que motiva a produção de uma palavra no lugar de outra.

Nas palavras de Luria (1986):

[...] se cada palavra evoca um campo semântico, está unida a uma rede de associações que aparece involuntariamente, é fácil verificar que a recordação de palavras ou a denominação de objetos de nenhuma forma é a simples atualização de uma palavra. Tanto a recordação de uma palavra como a denominação de um objeto são um processo de *escolha* da palavra necessária dentre todo um complexo de enlaces emergentes e ambos os atos são, por sua estrutura psíquica, muito mais complexos do que se costumava acreditar. (p. 88)

Segundo Luria (1986), há fatores que determinam a escolha da palavra, como a frequência na língua e a experiência anterior do sujeito, mesmo para os sujeitos não-afásicos. Diante de palavras de baixa frequência, mal fixadas, temos a necessidade de recorrer ao contexto para evocá-las. Esse fato não pode ser explicado como uma questão de memória: “trata-se menos de insuficiências da memória do que de resultados do excesso de palavras e conceitos que emergem involuntariamente e que dificultam substancialmente o ato da escolha” (LURIA, 1986, p. 89).

Citamos novamente Luria, abaixo, porque sua explicação será retomada nas análises dos dados, mais adiante:

[...] a recordação da palavra necessária perde sua seletividade. No lugar da emergência seletiva exata da palavra necessária conforme um traço semântico determinado surge com igual probabilidade todas as palavras parecidas à procurada por traços sonoros, situacionais ou conceituais. (...) Consequentemente, podemos dizer que a palavra não é uma simples designação de objeto, ação ou qualidade. *Por trás da palavra não há um significado permanente: há sempre um sistema multidimensional de enlaces.* (1986, p. 90, grifo nosso)

Sujeitos com lesão têmporo-parietal: os dados de JM e de AP

Este estudo faz parte de uma pesquisa mais ampla, que visa a abordar os fenômenos de dificuldades de encontrar palavras e produção de parafasias. Neste artigo, nos concentramos mais especificamente, nos dados de dois sujeitos afásicos com lesão têmporo-parietal esquerda: JM e AP, mais adiante caracterizados.

A discussão tem como perspectiva teórico-metodológica a Neurolinguística de orientação enunciativo-discursiva.

Passamos, a seguir, a apresentar as análises de dados de dois sujeitos com dificuldades de encontrar palavras e que produzem também parafasias (JM e AP). Tais episódios evidenciam as dificuldades mesmo em situações dialógicas e são singulares, na medida

em que permitem que observemos aspectos do funcionamento semântico-lexical quando os buscam alcançar o querer dizer (BAKHTIN, 2003[1992]).⁴

JM é um senhor de 65 anos de idade, que teve um Acidente Vascular Cerebral isquêmico (AVCi) na região têmporo-parietal esquerda, em agosto de 2008. Chegou ao Grupo III do Centro de Convivência de Afásicos⁵ (CCA), do IEL, em dezembro de 2008. AP, uma jovem de 19 anos de idade, sofreu um acidente de motocicleta em novembro de 2008, que resultou em um Traumatismo Crânio Encefálico (TCE) na região têmporo-parietal esquerda. Iniciou o atendimento fonoaudiológico individual em agosto de 2009.

Em primeiro lugar, chamamos a atenção para o fato de os dois sujeitos terem uma lesão têmporo-parietal esquerda. Embora nosso foco não seja traçar uma correlação direta entre a lesão e os sinais (sintomas), não podemos desconsiderar o que se sabe hoje sobre o papel dessas regiões no funcionamento linguístico-cognitivo. Ao lobo temporal tem sido atribuída a função de “processamento” e “acesso” lexical. O lobo parietal tem funções relacionadas à espacialidade – o que se reflete também na linguagem, mais especificamente nas estruturas relativas e passivas e também no funcionamento lógico-espacial, como em operações aritméticas. Ambos os lobos – temporal e parietal – têm as áreas associativas do córtex terciário em comum. Essa reflexão nos ajuda a compreender não só as dificuldades dos dois sujeitos – em encontrar palavras e produzir parafasias – mas também os recursos alternativos que utilizam para enfrentar suas dificuldades.

Com relação aos aspectos linguísticos, os dois sujeitos apresentam características semântico-lexicais e discursivas semelhantes. Os sujeitos JM e AP têm dificuldades para nomear e descrever objetos e também para produzir enunciados em gêneros mais complexos, como narrar uma história ou argumentar em favor de um ponto de vista.

Apesar de apresentarem lesões semelhantes e também “sinais” (sintomas) semelhantes, suas afasias são singulares com relação às suas estratégias de significação. Geralmente, a literatura tradicional desconsidera o modo como os sujeitos lidam com suas patologias.⁶ Como os estudos neuropsicológicos utilizam-se de baterias de avaliação metalinguística, a singularidade não se revela. Pelo contrário, as afasias são classificadas como se fossem

⁴ Querer-dizer é um conceito bakhtiniano também referido pelo autor como intuito discursivo. Temos nos servido desse conceito nos estudos neurolinguísticos enunciativo-discursivos, bem como de outros que também estão explicitados no capítulo “Os gêneros do discurso”, in: *Estética da Criação Verbal: enunciado, acabamento, dialogia etc.*

⁵ O Centro de Convivência de Afásicos (CCA), criado em 1989 é fruto de uma parceria entre o Departamento de Linguística do Instituto de Linguagem e o Departamento de Neurologia da Faculdade de Ciências Médicas (FCM), da Universidade Estadual de Campinas (São Paulo). É um lugar de convivência entre sujeitos afásicos e não-afásicos e de pesquisa na área da Neurolinguística. Trata-se de um local no qual a interação é mediada pela linguagem verbal e não verbal. Neste centro há três grupos e um grupo de convivência dedicado a crianças e adolescentes (CCAzinho), com e sem lesão cerebral, que foram diagnosticados com dificuldades de aprendizagem. Os dados desta pesquisa se referem ao Grupo III, coordenado pela Prof. Dra. Rosana do Carmo Novaes Pinto. Pesando nos aspectos sociais e culturais que envolvem a linguagem no CCA, Sampaio (2006) revela que esse lugar é uma comunidade de fala. Para ela, “a aplicação de conceitos como comunidade de fala, competência comunicativa, repertório comunicativo, situação comunicativa, evento comunicativo e ato de fala” permite a investigação dos aspectos linguísticos e socioculturais presentes nas situações discursivo-comunicativas entre os sujeitos com lesões cerebrais do CCA.

⁶ Um dos autores que mais lida com esta questão da subjetividade é Oliver Sacks. Como exemplos, podemos citar dentre suas obras: *O homem que confundiu sua mulher com um chapéu* (1999), *A ilha dos Daltônicos* (1997), *Tempo de Despertar* (1997). Referências completas ao final deste artigo.

todas iguais, como se os sujeitos apresentassem sempre as mesmas dificuldades. Na Neurolinguística enunciativo-discursiva, o sujeito e suas ações são sempre privilegiados em relação às outras variáveis, inclusive a lesão ou os sintomas. Por isso, a opção por dados obtidos em situações dialógicas reais.

Com relação às singularidades desses dois sujeitos, destacamos que, por um lado, JM se mostra relutante, muitas vezes, em aceitar suas dificuldades. Em alguns momentos ele se irrita quando não consegue encontrar a palavra desejada e às vezes desiste. Isso ocorre independentemente do gênero ou da situação interativa. Chega a dizer “não consigo”, “deixa”, “é difícil pra mim” etc. Em outros momentos, pede ao interlocutor um tempo: “espera aí”, “eu sei, mas não vem”. Mesmo apresentando enunciados com frequentes parafasias semânticas e fonológicas, JM conversa bastante com o grupo, com os amigos e os familiares. Mas, segundo ele, sua fala tornou-se restrita após o AVC. Afirma que, antes “falava muito”.

AP, apesar de saber das suas limitações linguísticas, durante o processo dialógico, tenta criar estratégias comunicativas para permanecer no discurso: tanto recursos não-verbais (gestos e desenhos) como verbais (o uso da escrita). Ao contrário de JM, que muitas vezes prefere não falar porque não encontra a palavra desejada, AP produz qualquer enunciado que de alguma forma esteja relacionado com seu querer-dizer, o que vai dando pistas para seu interlocutor construir com ela a significação ou chegar o mais próximo possível dela. Por ser jovem, AP tem projetos de vida diferentes daqueles de JM. Por exemplo, ela se sente motivada em melhorar e continuar os estudos para passar no vestibular. Já no caso de JM, muitas vezes ele é “falado pela” família, principalmente por sua esposa, que vai traduzindo aos outros àquilo que ela acha que ele quer dizer. Uma variável que ainda será explorada ao longo da pesquisa é a diferença de letramentos entre os dois sujeitos, o que, certamente, influencia a produção dos diferentes gêneros discursivos e, principalmente, a relação que eles têm com a escrita.

A seguir, passaremos a apresentar os episódios selecionados, que foram transcritos e analisados, segundo uma visão discursiva e por meio da metodologia microgenética, que permite uma investigação dos detalhes (indícios) de recortes de episódios interativos (VYGOTSKY, 1984; GÓES, 2000).

Os dados⁷ obtidos nas situações dialógicas procuram reconstituir os fatos ocorridos nas sessões do CCA e em atendimentos individuais, respectivamente na tentativa de compreender as dificuldades dos afásicos, bem como de criar estratégias discursivas.

Episódio dialógico com JM – Análise e discussões

O episódio ocorreu no Centro de Convivência de Afásicos (CCA) e estavam presentes o sujeito JM e outros membros do Grupo III. No dia 31 de março de 2009, os sujeitos contaram sobre suas rotinas e JM também contou ao grupo e à investigadora Irn (interlocutora presente neste recorte) sobre o cotidiano de sua casa. Os outros interlocutores de JM neste Dado 1 foram DN, Irn e Ire.

No recorte apresentado a seguir, JM contou que a filha trabalha o dia todo, mas à noite todos se reúnem. JM falou sobre a neta que gosta muito de usar a internet e Irn

⁷ O *corpus* da pesquisa ainda está em fase de constituição e, à medida que o trabalho avança, outros dados instigam a investigação do funcionamento semântico lexical.

perguntou se as informações da internet eram socializadas entre os familiares. JM fez um gesto afirmativo e em seguida iniciou um enunciado para contar algo, parecendo estar ainda se referindo ao mesmo assunto. JM falou de sua “esposa”, substituindo esta palavra por “velha”, o que lhe causou estranhamento.

Dado 1:

Linhas	Interlocutores	Enunciados	Observações quanto à produção não-verbal e contexto
1	Irn	As menina...	
2	Irn	As netas? as filhas?	
3	JM	Não, não, não. Ela sai cedo, faz...	
4	Irn	A esposa?	
5	JM	Não... a moça.	
6	DN	Filha, a sua filha?	
7	JM	É.	Gesto de afirmação.
8	Irn	Filha ou empregada?	
9	DN	Filha.	
10	JM	Filha é! Filha isso. É... mais...	
11	Irn	Ela sai cedo, o Sr falou.	
12	JM	Ahã.	Novamente JM usou o gesto, confirmando com a cabeça.
13	Irn	Pra trabalhar?	
14	JM	É. E chega à noite. Ontem, a como é que:: os menino, não é os menino, não.	
15	Irn	O filho, não?	
16	JM	As menina. Eles as::, toda hora.	
17	Irn	Oh, ela sai cedo e chega à noite.	
18	JM	É.	
19	Irn	Essa mora com o Sr?	
20	JM	Aí volta só trab:	JM produz um /b/ prolongado.
21	Irn	Depois do trabalho? Volta pra jantar em casa?	
22	JM	Isso. É.	
23	Irn	E aí é o horário que vocês sentam pra conversar...	
24	JM	Vai,vai,vai. É:: muito difícil.	
25	Irn	Vamo lá.	JM dá risada
26	JM	Ela vê todo dia na:, todo, não. Como ela... Calma. Difícil	
27	Irn	Ela que traz as notícias pra vocês, é isso? A filha?	
28	JM	Não.	JM também usa o gesto de negação.

29	DN	Ela vê televisão.	
30	JM	Ela::	
31	DN	Vê televisão?	
32	Irn	Com o Sr? Ela também?	
33	JM	Ela fez esse negócio di... da::	
34	DN	Conversar.	
35	Irn	Então, ela sai pra trabalhar e fica o dia todo fora de casa e durante o dia ficam em casa fica o senhor e a sua esposa?	
36	JM	Isso!	
37	Irn	É mais à noite que o pessoal se junta, não é isso?	
38	JM	Faz!	
39	Irn	Ela chega, chegam os netos...	
40	JM	Isso! A menina fala bastante, não ela faz , não...	
41	Ire	Não é no computador, senhor JM?	
42	JM	Isso, só isso!	Referindo-se ao computador
43	Irn	Mas isso, olha, pergunta pra essas meninas quantas horas elas passam no computador...	
44	JM	Mas, olha, é demais!	
45	Irn	Ela fica lá no computador, mas ela traz as notícias pra vocês?	
46	JM	Sai, sai, sai, sai , ahã.	Movimentando a cabeça com um gesto afirmativo
47	Irn	Fala das coisas, isso também é importante. O problema é quando fica no computador e esquece que tem outras pessoas em casa, não conversam...	
48	JM	Ahã. Então, a velha . Olha! Olha! Eu nunca falei isso!	
49	Irn	Sim, nunca falou, mas falou! Vou contar pra ela como o Sr se referiu a ela.	Brincando com JM.
50	JM	Olha, viu. Pode cabaf::, fala	JM produz um /f/ prolongado
51	Irn	Tá bom, tá e aí?	
52	JM	Só. Agora chega!	
53	Irn	Tá com medo de falar de novo. Tá vendo como ele se referiu à esposa dele, a velha . Olha.	Olhando para GM e brincando com JM
54	JM	Nunca, vida, falei. Nunca falei isso pra ela, pra esposa , não.	Inconformado com a produção de velha .

Como vimos nesse dado, JM substituiu a palavra desejada “esposa” pela palavra “velha” produzindo uma parafasia. A troca de palavras feita por JM ilustra o que Luria (1986) chama de organização multidimensional das palavras, os enlaces semânticos, situacionais, sonoros e subjetivos. Como vimos, nas patologias a recordação de uma palavra perde sua seletividade e, portanto, surgem com igual probabilidade todas as palavras de alguma forma relacionada àquela procurada, tal como ocorreu com a palavra “velha” no lugar da palavra “esposa ou mulher”.

Nesse mesmo episódio dialógico, JM produziu também outras parafasias, como vemos na linha 40: “Isso! A menina **fala** bastante, não ela **faz**. - Isso! A menina **usa** bastante”. Temos, portanto, a substituição entre *fala*, *faz* e *usa* – três diferentes verbos, portanto, substituições feitas dentro de uma mesma categoria gramatical. A mais próxima de seu querer-dizer, possivelmente, seja *usa* (usa o computador). Se foi isso realmente o que ele pretendia dizer, podemos afirmar que por meio de sucessivas auto-correções, JM chegou à palavra desejada. Entre *fala* e *faz*, as aproximações são mais sonoras que semânticas. De qualquer forma, provavelmente tenham servido como *promptings* para que ele conseguisse selecionar adequadamente.

O próximo episódio refere-se ao outro sujeito, AP. Na sessão, AP estava em atendimento fonoaudiológico, no dia 10 de outubro de 2009.

Episódio dialógico com AP – Análise e discussões

A investigadora Ire, sabendo da aptidão e prazer que AP tem para cozinhar, trouxe alguns sabores de gelatinas. Ire e AP conversaram a respeito da atividade e Ire pediu que AP adivinhasse os sabores apenas por meio das percepções visual e olfativa. Se fosse necessário, também poderia usar o paladar.

Dado 2:

Linhas	Interlocutores	Enunciados	Observações quanto à produção não-verbal e contexto
1	Ire	AP, já que você gosta de cozinhar, eu trouxe alguns sabores de gelatinas para você tentar adivinhar os sabores pelo cheiro, mas se não conseguir pode usar o paladar, tá bom?	Mostrando as gelatinas
2	AP	Hum... Ah, tá bom.	
3	Ire	AP, é gelatina do quê?	Aponta para a gelatina de uva
4	AP	Comprei com o meu pai, ai!	
5	Ire	Você comprou com o teu pai?	
6	AP	É, ai, palito!	
7	Ire	Palito?	Estranhando a resposta
8	AP	É porque tem sim.	Movimentando a cabeça para confirmar a afirmação.

9	Ire	O palito tem esse cheiro?	
10	AP	É!	
11	Ire	Cheiro do quê?	
12	AP	Ai, não sai! Uva!	AP experimenta a gelatina

Entendemos que esse episódio é singular para a compreensão não só do funcionamento semântico-lexical, mas do funcionamento linguístico-cognitivo, entendendo cognitivo, aqui, como o resultante do funcionamento conjunto de funções complexas, como a percepção (visual, olfativa e gustativa), que trouxe à tona não somente a palavra desejada: “uva”, mas outras memórias discursivas – o fato de que tinha ido com o pai comprar (linha 4: “Comprei com o meu pai, ai!”) e também fez referência ao palito (provavelmente o palito com o qual o médico examina a garganta) que tem gosto de uva (a partir da linha 6: “É, ai, palito!”), até o momento em que consegue produzir “uva”.

Foi o funcionamento integrado das redes associativas e da propriocepção do gosto de uva que permitiu que ela chegasse à palavra desejada. Tal dado é singular justamente por dar visibilidade a esses processos durante o funcionamento linguístico-cognitivo.

Retornando às citações de Luria, no item anterior, podemos evidenciar o que ocorre no episódio 2, quando o autor explica que nas afasias perde-se a seletividade e no lugar da palavra desejada surgem com igual probabilidade todas as palavras parecidas à procurada, por traços sonoros, situacionais ou conceituais.

Esses dados, como já dissemos, consistem de recortes de uma pesquisa que ainda está em andamento, mas já apontam para uma questão bastante relevante, a nosso ver. Embora ambos os sujeitos tenham lesões semelhantes com relação às áreas cerebrais (têmporo-parietais esquerdas) e também alguns sinais (sintomas) em comum, dentre os quais as dificuldades para encontrar palavras e a produção de parafasias, há singularidades que só podem ser explicadas pela relação de cada um deles com sua afasia, por variáveis individuais, dentre as quais o *letramento*, que ainda será nosso objeto de estudo nas próximas etapas da pesquisa.

Considerações finais

Os episódios apresentados e analisados neste artigo iluminam a compreensão de características particulares do funcionamento semântico-lexical dos dois sujeitos afásicos (JM e AP) com lesão têmporo-parietal esquerda e com sinais semelhantes quanto à produção de parafasias e dificuldades para encontrar palavras.

Os estudos neurolinguísticos, orientados pela perspectiva adotada neste artigo, assinalam a relação entre a teoria e a prática e mostram a importância das análises microgenéticas dos dados de episódios dialógicos que, além de contribuírem para a teorização acerca dos fenômenos lexicais, revelam novos caminhos para a clínica com sujeitos afásicos, fundados sobre práticas discursivas efetivas. Em ambos os dados, os interlocutores trabalham juntamente com os sujeitos, sobre os recursos da língua que ainda lhes restam, para que eles alcancem seu intuito discursivo (BAKHTIN, 2003 [1979]).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BAKHTIN, M. Os Gêneros do Discurso In: _____. *Estética da Criação Verbal*. Tradução de Paulo Bezerra. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003. [1979]. p. 261-306.
- BASILIO, M. *Teoria Lexical*. São Paulo: Editora Ática, 1995.
- CANGUILHEM, G. *O normal e o patológico*. Tradução de Maria Thereza Redig de Carvalho Barrocas e Luiz Octavio Ferreira Barreto Leite. 4. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1978. 270 p.
- COUDRY, M. I. H. *Diário de Narciso – discurso e afasia*. São Paulo: Martins Fontes, 1988. 205 p.
- FEDOSSE, E. *Processos alternativos de significação de um poeta afásico*. 2008. Tese (Doutorado em Linguística). Instituto de Estudos da Linguagem/UNICAMP, Campinas.
- FREUD, S. *A interpretação das Afasias*. Lisboa: Edições 70, 1977. [1891].
- GÓES, M. C. R. de. A abordagem microgenética na matriz histórico-cultural: Uma perspectiva para o estudo da constituição da subjetividade. *Cadernos Cedex*, Campinas, ano XX, n. 50, p. 1-17, 2000.
- LURIA, A. R. *Fundamentos de Neuropsicologia*. São Paulo: Cultrix, Morsan, 1981. [1973]. 346 p.
- _____. *Neuropsychological studies in aphasia*. Amsterdam: Sweets & Zeitlinger B. V., 1977.
- _____. *Pensamento e Linguagem: as últimas conferências de Luria*. São Paulo: Arned Editora, 1986. p. 35-90.
- NOVAES-PINTO, R. C. *Dificuldades de encontrar palavras e produção de parafasias nas afasias e nas demências: inferências para o estudo da organização e do acesso lexical*. Projeto de Pesquisa – Instituto de Estudos da Linguagem (IEL/UNICAMP). Campinas, 2009.
- SACKS, O. *Tempo de Despertar*. São Paulo: Companhia das Letras, 1997. 435 p.
- _____. *A ilha dos daltônicos*. São Paulo: Companhia das Letras, 1997. 284 p.
- _____. *O homem que confundiu a sua mulher com o chapéu*. São Paulo: Companhia das Letras, 1999. 264 p.
- SAMPAIO, N. F. S. *Uma abordagem sociolinguística da afasia: O centro de Convivência de Afásicos (UNICAMP) em foco*. 2006. 172 f. Tese (Doutorado em Linguística). Instituto de Estudos da Linguagem/UNICAMP, Campinas.
- SOUZA-CRUZ, T. C. *Estudos da produção de parafasias e da dificuldade de encontrar palavras*. SEPEG. (Iniciação Científica) Instituto de Estudos da Linguagem/UNICAMP, Campinas, São Paulo, 2009.
- VYGOTSKY, L. *A formação social da mente*. São Paulo: Martins Fontes, 1984.